



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

IG/IB/IQ/FACE-ECO/CDS

CURSO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS

AMANDA VARELLA BARCA RAMOS

Ecovilas: teoria versus prática. Como os princípios da sustentabilidade são de fato aplicados em comunidades do Distrito Federal e Goiás.

Brasília

2016

AMANDA VARELLA BARCA RAMOS

Ecovilas: teoria versus prática. Como os princípios da sustentabilidade são de fato aplicados em comunidades do Distrito Federal e Goiás.

Trabalho de Conclusão de Curso para
aprovação de Bacharelado em Ciências
Ambientais na Universidade de Brasília.

Orientador: Thomas Ludewigs

Brasília

2016

RAMOS, AMANDA VARELLA BARCA.

Ecovilas: teoria versus prática. Como os princípios da sustentabilidade são de fato aplicados em comunidades do Distrito Federal e Goiás.

Orientação: Dr. Thomas Ludewigs

53 páginas.

Projeto final do curso de graduação em Ciências Ambientais – Consórcio IG/IB/IQ/FACE-ECO/CDS – Universidade de Brasília.

Brasília – DF, 2016.

1. Ecovilas; 2. Comunidades Alternativas; 3. Desenvolvimento Sustentável; 4. Princípios da Sustentabilidade. (PALAVRAS CHAVES).

Ecovilas: teoria versus prática. Como os princípios da sustentabilidade são de fato aplicados em comunidades do Distrito Federal e Goiás.

Amanda Varella Barca Ramos

Prof. Orientador: Dr. Thomas Ludewigs

Brasília-DF, Agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thomas Ludewigs (Orientador)

Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Maurício de Carvalho Amazonas (Coorientador)

Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Pedro Henrique Zuchi da Conceição (Avaliador)

Instituto de Economia da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para meu sucesso na realização deste trabalho, com palavras de incentivo e apoio, nas conversas diárias, com companhia nas visitas às ecovilas; a todos aqueles que pararam um tempinho de suas vidas para me ouvir desabafar sobre o trabalho e que sempre acreditaram em mim.

O meu mais sincero obrigada.

Gostaria de agradecer em especial,

Ao professor Thomas Ludewigs, pela orientação acadêmica.

À Isabela Wandalsen e ao Pedro Arake, pela orientação emocional nos momentos de crise.

Ao professor Pedro Zuchi, pela disposição, apoio e motivação.

Aos meus pais e irmãos que me acompanharam na jornada até aqui.

À minha falecida avó que não pôde presenciar este momento, mas que sempre acreditou no meu potencial.

Aos companheiros de curso, que tive a alegria de conhecer e conviver nesses quase quatro anos.

Sem vocês, esse trabalho não seria possível.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAC – Agricultura Apoiada pela Comunidade

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CSA – *Community Sustainability Assessment*

FICA – Festival Internacional de Cultura Alternativa

FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças

GEN – *Global Ecovillage Network*

ONU – Organização das Nações Unidas

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Auditoria de definição de ecovilas.....	17
Tabela 1 – Quadro de definições.....	24
Tabela 2 – Quadro de resultados	38
Tabela 3 – Análise FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.....	43

RESUMO

Ecovilas são comunidades que buscam abarcar os princípios do desenvolvimento sustentável, criando ambientes de convívio harmônico entre os seres humanos, a fauna e a flora. O objetivo do presente trabalho é analisar se tais princípios são de fato aplicados em comunidades intituladas ecovilas. Para tal, utilizou-se um método de autoauditoria proposto pela Rede Global de Ecovilas para verificar se as comunidades estudadas realizam as práticas sugeridas ou não, sendo no segundo caso, condição que as desqualificariam como ecovila. Foi constatado que a vulgarização do termo o tornou excessivamente abrangente e sua utilização em comunidades que não são ecovilas é algo comum e frequente prejudicando o movimento e os estudos acadêmicos do mesmo, uma vez que esta condição pode resultar na geração de dados inválidos. Mesmo tratando-se de uma pequena amostragem e com metodologia que limita o resultado, o trabalho chama atenção a uma questão importante de qualificação, mas baseia-se a uma definição específica, sem desmerecer os diferentes conceitos dos demais autores. Considerado por alguns como um fenômeno global e em crescimento, o movimento das ecovilas faz parte do movimento contrário à globalização com uma forma de protesto diferenciada e que tem como objetivo a paz, o equilíbrio ambiental e a restauração das relações entre o homem e natureza.

Palavras-chave: Ecovilas; Comunidades Alternativas; Desenvolvimento Sustentável; Princípios da Sustentabilidade.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Ecovilas: histórico e definições	12
1.1 Auto-auditoria de ecovilas.....	15
1.2 Dimensões das Ecovilas	19
1.3 Principais Dificuldades enfrentadas pelas Ecovilas	21
2. Metodologia	Erro! Indicador não definido.
3. Estudos de Caso	27
3.1 Ecovila A	28
3.2 Ecovila B	33
3.3 Ecovila C	36
4. Análise de Resultados	38
4.1 Análise FOFA.....	43
Conclusão.....	48
Referências Bibliográficas	51

Introdução

Existem hoje, mais de 15.000 comunidades cadastradas na Rede Global de Ecovilas. Mais tantas outras existem sem serem cadastradas ou divulgadas. A cada dia projetos de novas ecovilas estão sendo feitos e grupos formados para se começar uma nova comunidade. A questão é: todas essas comunidades que se denominam ecovilas, são de fato uma ecovila? Diversos grupos que criam comunidades em áreas rurais e adotam ideais sustentáveis e ecológicos se autodenominam ecovila sem se atentar ao conceito da palavra ou às atividades que a definem.

Não existe um controle sob as comunidades que adotam o nome de ecovila ou se as mesmas aplicam as práticas sugeridas nos conceitos do termo. O presente trabalho tem como objetivo analisar a aplicabilidade dos conceitos descritos na definição de ecovila dentro de comunidades que adotam esse nome e verificar se existe uma compatibilidade entre a teoria e a prática.

É importante ressaltar que não é objetivo do trabalho desqualificar nenhuma ecovila ou comunidade estudada, mas sim explicar a discordância existente entre conceito e realidade. O resultado estará baseado em um conceito específico, podendo a ecovila se enquadrar em tantos outros existentes.

Para a realização do trabalho será utilizado um método de autoauditoria proposto pela Rede Global de Ecovilas e exposto no subcapítulo 1.1 – Autoauditoria de ecovilas, que apresenta vinte e sete questões sobre a aplicabilidade de diversas práticas sugeridas pela rede. O conjunto de perguntas foi aplicado a apenas um morador de cada ecovila participante do trabalho, por limitações logísticas e de tempo. Além do questionário, foram realizadas conversas com os integrantes que estivessem disponíveis sobre a história da ecovila, como a mesma foi fundada e o dia a dia dentro da comunidade.

É sabido que a restrição na amostragem de entrevistados compromete, em parte, a qualidade dos resultados. No entanto, entende-se que as entrevistas, realizadas de forma aberta, ofereceram a oportunidade de qualificar, ainda que de forma preliminar, as ações empreendidas pelas ecovilas que fizeram parte deste estudo, permitindo assim o contraste entre práticas atuais e aquelas preconizadas pela Rede Global de Ecovilas. Entende-se também que, devido à ausência de estudos desta natureza na região do DF e GO, a análise “inicial” empreendida neste trabalho pode oferecer subsídios para estudos posteriores.

A metodologia utilizada limita os resultados às condições apresentadas pelos entrevistados e pela dimensão temporal, ou seja, muitas das comunidades estudadas têm as condições e estão no caminho para atingirem a qualidade de ecovila no decorrer do tempo, assim como a realização de novas entrevistas e conhecimento de novos fatos que podem não ter sido mencionados pelos participantes, podem mudar todos os resultados.

Após a colheita dos dados qualitativos primários, foi montado um quadro em forma de tabela¹ de verificação dos determinados conceitos dentro da ecovila ou não. A não verificação de um conceito, para fins deste trabalho, já desqualifica a ecovila como tal.

No capítulo 1 foi feita uma revisão literária do histórico das ecovilas, como o movimento surgiu e como o contexto histórico o influenciou. Além da contextualização, são apresentadas as principais definições de ecovila e os avanços que essas definições tiveram com o decorrer dos anos.

A revisão literária se divide em três subcapítulos, o 1.1 – Autoauditoria de ecovilas, já mencionado anteriormente, onde é apresentado dois métodos de autoauditoria, como funcionam e o porquê da sua necessidade. Dentre esses dois métodos encontra-se o método que será utilizado pelo trabalho nas ecovilas participantes do estudo. O subcapítulo 1.2 apresenta as quatro dimensões das ecovilas sugeridas pela Rede Global de Ecovilas, a importância de cada uma e exemplos de como cada dimensão é encontrada em algumas ecovilas no mundo. Já no 1.3 encontra-se uma explanação da dificuldade em se montar uma ecovila e formar um grupo consistente o bastante para que ela se perpetue. Muitos grupos são iniciados com a intenção de se formar uma comunidade sustentável, mas encontram obstáculos que os levam a abandonar o projeto. O subcapítulo expõe os principais pontos-chaves na formação de uma ecovila para que ela consiga sair do papel.

O capítulo 2 contém o método utilizado pela análise do estudo de caso realizado no trabalho, os conceitos utilizados e as perguntas que os traduzem e que serviram de norte para a conclusão da monografia.

O capítulo 3 é referente ao estudo de caso de três ecovilas, onde são apresentadas cada uma delas, contando sua história, funcionamento e a identificação das quatro dimensões dentro de cada uma.

¹ Tabela 2. Quadro de resultados p. 30

O capítulo 4 é o resultado da análise de cada ecovila com uma sutil comparação entre as três e contém no subcapítulo 4.1, uma análise FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) do movimento de ecovilas em geral feita de forma intuitiva pelas observações realizadas durante o estudo.

Para finalizar, esta monografia/TCC apresenta conclusões, do que foi constatado no decorrer do trabalho e a importância desses resultados.

1. Ecovilas: histórico e definições

O termo ecovila surgiu apenas em 1991, quando a associação voltada para a promoção da sustentabilidade *Gaia Trust Education* patrocinou a viagem dos jornalistas Diane e Robert Gilman pelo mundo, em busca de comunidades que tivessem motivações sustentáveis (DIAS, 2011, p.6).

Autores como Bellah (1986 apud GUERREIRO, 2009) e Campani (2011) consideram o período pós Segunda Guerra Mundial como o que marcou o início do fim dos ideais utilitaristas². O ápice dos movimentos que questionavam as instituições tradicionais e buscavam uma alternativa ao modelo de vida proposto na época foi nos anos 1960, quando grande parte da população, principalmente os jovens, começou a questionar valores culturais, sociais, políticos, religiosos e tecnológicos. O desapego e a procura por novas experiências se tornaram a maneira de expressar essa oposição (CAMPANI, 2011, p. 8; GUERREIRO, 2009, p. 3).

A publicação do livro “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson em 1962 e a publicação do relatório “Limites do Crescimento” em 1972 deixaram em evidência questões ambientais e o embate com o desenvolvimento econômico desenfreado, colocando em dúvida se a tecnologia conseguiria mesmo solucionar todos os problemas que o sistema produtivo dominante causava (DAWSON, 2009, p.2), o que incentivou ainda mais os integrantes de movimentos ambientalistas e simpatizantes à causa a buscarem um estilo de vida que fugisse de hábitos degradantes como o uso exacerbado de agrotóxicos, responsável pela morte de vários pássaros como explicitado no livro de Carson.

O legado de alguns ideais e práticas comunitárias, desenvolvido pelos grupos alternativos que vivenciaram esse período nos anos 60 e 70, foi o propulsor das

² Movimento marcado pelo consumismo vendido pela Revolução Industrial e difusão do ‘*american way of life*’

comunidades intencionais com características sustentáveis e que hoje são conhecidas como ecovilas (CAMPANI, 2011, p. 8). O próprio movimento hippie da época, que rejeitava a corrente principal do desenvolvimento econômico sem limites e valores materialistas acima de tudo, ansiava pela criação de uma nova comunidade que possibilitasse a reconexão com o meio ambiente e os valores sociais (DAWSON, 2009, p.2).

Para Dawson (2009), a junção de alguns valores em diferentes escalas de movimentos alternativos formou um mosaico rico, amplo e diverso de valores fundamentais que influenciou a criação das ecovilas e as norteiam até os dias de hoje. O ativista Mahatma Ghandi foi um dos que contribuiu com seus ensinamentos de autoconfiança, descentralização e investigação espiritual além dos ativismos pela paz e pelo meio ambiente que criaram organizações baseadas nos princípios ecológicos; a tecnologia intermediária que era voltada para uma escala de produção mais humana e baseada em sociedades mais comunitárias; a educação alternativa que fugia dos objetivos de sistema educacional convencional de formar jovens trabalhadores “de produção em massa” e consumidores compulsivos; e ainda movimentos hippies, monásticos e de coabitações, todos coadjuvantes na criação das ecovilas, cada um a sua maneira (DAWSON, 2009, p.3).

Logo o estilo de vida sustentável se tornou um movimento mais significativo do que o esperado. Considerado por Jackson (2004) como um fenômeno global, as ecovilas hoje podem ser entendidas como uma parte do movimento contrário à globalização, mas que possui uma abordagem diferenciada em comparação com os usuais protestos (JACKSON, 2004, p. 1).

Em 1995 um grupo de aproximadamente 25 pessoas de diferentes nacionalidades se juntou para fundar a *Global Ecovillage Network – GEN*, uma rede global criada para unir as centenas de pequenos projetos que estavam surgindo ao redor do mundo com a mesma motivação sustentável, mas sem o conhecimento da proporção do movimento e dos projetos que cresciam simultaneamente (JACKSON, 2004, p. 1).

A *Global Ecovillage Network* funciona como intermédio entre as ecovilas, divulgando informações através do site da rede, de publicações de revistas especializadas e da promoção de eventos (DIAS, 2011, p. 7). O objetivo geral é fazer com que as ecovilas se relacionem e conversem entre si, possibilitando seus aperfeiçoamentos e expansão (BRAUN, 2008 apud DIAS, 2011, p.7).

Muitas são as definições de ecovila e as mesmas foram se modificando com o passar dos anos conforme o movimento ganhava forma e força. As variações são sutis, uma vez que a ideia principal é basicamente a mesma, de uma comunidade sustentável, as demais especificações são subjetivas à visão do autor que a propõe.

O primeiro autor a pesquisar e publicar o conceito de ecovilas foi Robert Gilman em seu trabalho “*The Eco-Village Challenge*” em 1991 (DEGENHARDT, 2012, p. 3), onde definiu ecovila como:

“[...] uma grandeza humana, um povoado autônomo no qual as atividades humanas são harmoniosamente integradas na natureza, de forma a promover um desenvolvimento humano saudável e que possa ser mantido indefinidamente.” (GILMAN, 1991 apud DEGENHARDT, 2012, p.1).

Em 2001, Braun acrescentou ao conceito de Gilman a intencionalidade da comunidade em se viver em um modelo ecológico, a importância de se ter valores culturais e socioeconômicos agregados e o método participativo na tomada de decisões:

“[...] comunidades intencionais baseadas num modelo ecológico que focaliza a integração das questões culturais e socioeconômicas como parte de um processo de crescimento espiritual compartilhado.” “[...] sendo normalmente gerenciada por um conselho responsável pela gestão participativa e a tomada de decisões que permeiam o desenvolvimento orgânico das atividades e projetos comunitários.” (BRAUN 2001, p. 39 apud CAMPANI, 2011, p. 8)

Jackson, em 2004, aprofundou o conceito com a definição de um intervalo de integrantes que devem habitar a comunidade e trouxe atividades de fora para serem realizadas dentro da ecovila, como o trabalho e a educação dos filhos:

“um microcosmos do macrocosmos, representado em uma pequena área, com 50 a 400 habitantes, que provêm soluções viáveis aos problemas, enquanto vivem de maneira sustentável, resolvendo seus conflitos pacificamente, criando empregos, educando seus filhos e celebrando a vida” (JACKSON, 2004, p. 2).³

Tais conceitos podem incluir todo e qualquer conjunto habitacional que tenha ideais sustentáveis, afinal, um condomínio ecológico não se adequa a tais definições? Ou um assentamento rural? O que de fato diferencia uma ecovila das demais

³ Traduzido livremente do original: “An ecovillage is, ideally speaking, a microcosm of the macrocosm, as it represents in a very small area — typically with 50-400 people — all the elements and all the problems present in the greater society, while providing visible solutions to these problems, whether it be living sustainably, resolving conflicts peacefully, creating jobs, raising children, providing relevant education, or simply enjoying and celebrating life.” (JACKSON, 2004, p. 2)

comunidades com viés ecológico? A diretora do curso educativo da Fundação Gaia de Brasília, Lena Ferreira⁴, acredita que seja a intencionalidade do grupo que integra a comunidade, segundo ela um assentamento rural, por exemplo, não se adequaria ao conceito de ecovila pela falta de intenção da comunidade em ser sustentável.

O Professor adjunto da Universidade de Brasília Ricardo Neder⁵ acredita que assentamentos rurais constituem sim uma espécie de ecovila. Para ele, ecovilas podem ser divididas em quatro categorias: as ecovilas correntes estudadas pela *Gaia*; os assentamentos rurais; assentamentos urbanos – onde entrariam os condomínios ecológicos –; e o movimento Ecoovila.

A tipologia que se apropria melhor dentro do objetivo do trabalho é a apresentada pela *Gaia* e por isso utilizaremos a definição de ecovilas proposta pela Rede Global de Ecovilas – *GEN*, que é:

“Uma ecovila é uma comunidade intencional ou tradicional, que utiliza processos de participação local para integrar de maneira holística as dimensões ecológica, econômica, social e cultural da sustentabilidade para regenerar os ambientes social e natural.” (*What is an Ecovillage?*, 2016)⁶

O conceito acima serviu de base para a avaliação das ecovilas estudadas, que foram então qualificadas como “atendendo” ou “não atendendo” aos critérios da Rede Global de Ecovilas. Reforço que a condição de “não atendem” desqualifica a comunidade como ecovila diante o conceito da Rede Global de Ecovilas, mas não se opõe a sua qualificação perante os demais conceitos dos diferentes autores.

1.1 Autoauditoria de ecovilas

Dentro da própria *GEN* surgiu o questionamento de como qualificar uma comunidade como ecovila, qual seria o critério para que um assentamento pudesse fazer parte da Rede Global de Ecovilas (JACKSON & JACKSON, 2004, p. 9). Os membros da rede tinham interesse em que a afiliação ocorresse de forma aberta, mas também queriam que a mesma fosse reservada para projetos com propósitos similares. Fez-se

⁴ Em entrevista realizada no dia 07/05/2016

⁵ Professor Doutor adjunto da Universidade de Brasília Ricardo Neder que possui graduação em Sociologia e Economia Política pela Universidade de Brasília e pós-doutorado em Ecodesenvolvimento e Sustentabilidades pela EHESS, Paris, em entrevista realizada no dia 30/03/2016.

⁶ Traduzido livremente do original: “An ecovillage is an intentional or traditional community using local participatory processes to holistically integrate ecological, economic, social, and cultural dimensions of sustainability in order to regenerate social and natural environments.” (*What is an Ecovillage?*, 2016)

necessário então, uma definição de padrões que qualificassem a comunidade como ecovila ou não, para que pudesse se juntar a rede (JACKSON, 1998, p. 3).

Primeiramente surgiu a ideia de patentear o nome “ecovila”, mas a palavra foi considerada muito genérica e, após algumas discussões, decidiram criar uma auditoria voluntária na qual cada ecovila realizaria individualmente e usaria para julgar sua própria condição como ecovila ou não, e quão longe estaria de se tornar uma (JACKSON & JACKSON, 2004, p. 9).

Foram criados então dois sistemas de auditoria, um criado por Hildur Jackson baseado nos quatro elementos e descrito no artigo “*What is an Ecovillage*”, disponível no site da *GEN*, e outro desenvolvido por Linda Joseph chamado *Community Sustainability Assessment – CSA* (JACKSON & JACKSON, 2004, p. 9).

Na formação do sistema de Hildur Jackson foram listadas todas as dimensões consideradas importantes para a definição de ecovila, e tais dimensões foram ligadas aos quatro elementos, fogo, ar, terra e água.

Figura1. Auditoria de definição de ecovilas

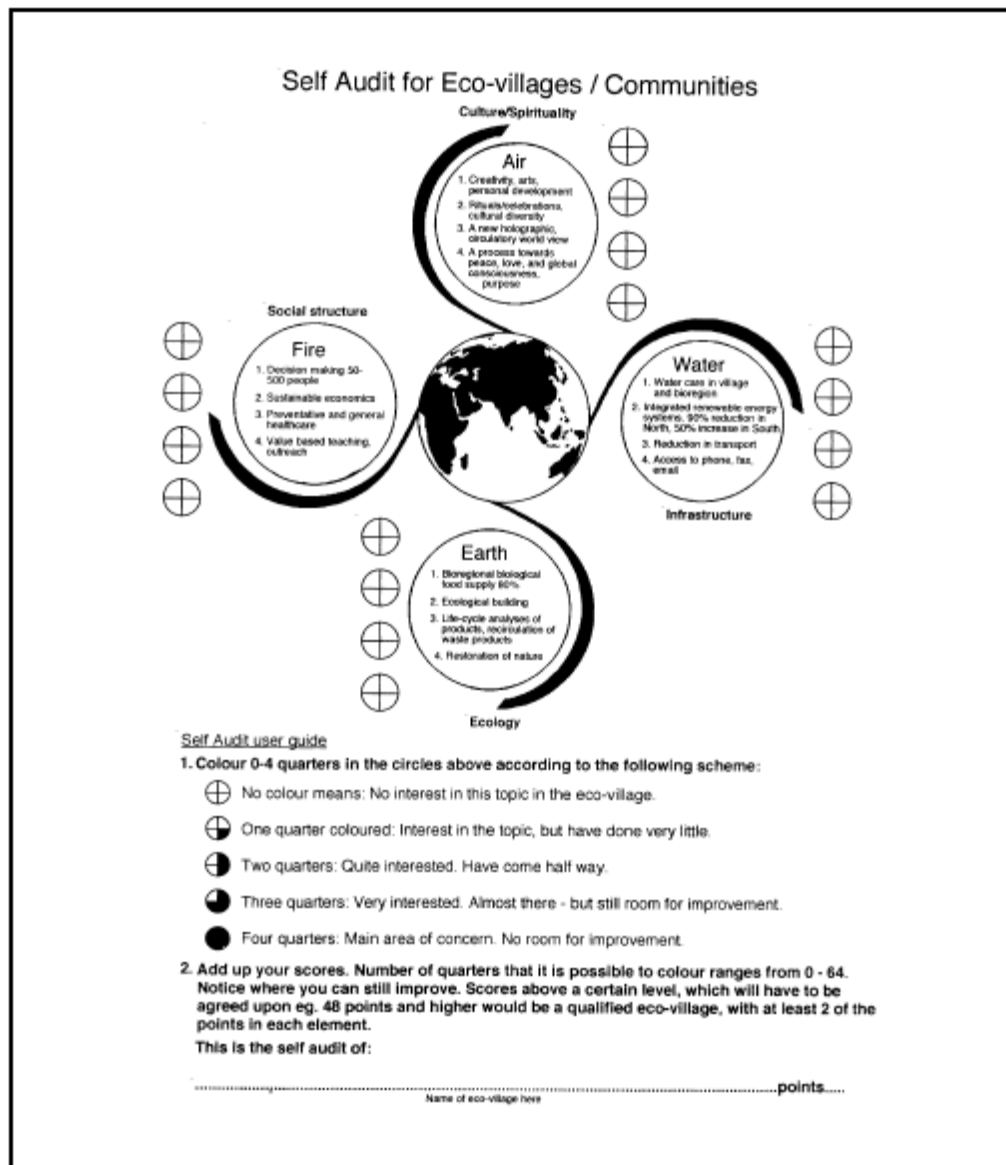


Figura 1 - *Self Audit for Eco-villages/Community*. FONTE: *What is an ecovillage* - Hildur Jackson, 1998, p. 4.

Esse sistema de auditoria consiste na definição de quatro círculos, cada um com quatro dimensões. Cada dimensão pode ser preenchida de 0 (zero) a 4 (quatro) quartos representados graficamente para demonstrar o empenho e o interesse da comunidade em aplicar aquela dimensão. Se nenhum quarto for preenchido, significa que a comunidade não tem interesse em aplicar aquela dimensão na ecovila. Um quarto preenchido significa que existe o interesse em se aplicar, mas que muito pouco foi feito para aplicá-lo de fato. Dois quartos significa interesse e meio caminho andado para se alcançar o objetivo proposto pela dimensão. Três quartos significa muito interesse e objetivo quase

alcançado por completo, necessitando algumas melhorias apenas. E os quatro quartos preenchidos significa que aquela dimensão é a principal para a comunidade e as atividades para alcançá-la já foram realizadas (JACKSON, 1998, p.4).

Jackson (1998) avalia o método como uma ferramenta pedagógica útil para gerar debates, mas que não possui muita exatidão. Para ele, a vantagem desse sistema é dar um dado gráfico sobre a comunidade, sem palavras ou números (JACKSON, 1998, p.6).

O outro sistema de auditoria é a *Community Sustainability Assessment – CSA*, que consiste em um questionário com diversas perguntas divididas por dimensões cultural, ecológica, social e econômica e, como o sistema anterior, deve ser respondido pela própria comunidade e servir de guia para mensurar o grau de sustentabilidade da comunidade e sua atual situação como ecovila (*Community Sustainability Assessment-GEN*, 2016).

A ideia de uma auditoria para todas as ecovilas do mundo, entretanto, pode não ser o sistema ideal para a comparação das mesmas, uma vez que cada comunidade enfrenta diferentes situações de acordo com as características biofísicas dos locais em que se encontram. Ecovilas dentro das cidades ou próximas a elas, por exemplo, tem uma relação com a dimensão ecológica diferente daquelas que estão em um ambiente rural, e existem ainda diversos itens que não podem ser quantificados, mas possuem grande importância para a comunidade e que devem ter o peso apropriado dentro da avaliação (JACKSON, 1998, p.6).

Foi escolhido inicialmente o método de Hildur Jackson baseado nas quatro dimensões para ser aplicado nas ecovilas estudadas, por ser um método de aplicação mais simples e rápida visando não cansar o entrevistado. No decorrer da realização da entrevista, entretanto, notou-se que as respostas dos entrevistados apresentavam variações decorrentes da subjetividade das perguntas às quais admitem certa pessoalidade, dificultando a análise e a conclusão do trabalho.

Desse modo foi decidido utilizar a auditoria de Linda Joseph, o *CSA*, em que as perguntas são mais objetivas e claras, além de conferir respostas que possibilitam identificar a efetividade de cada dimensão dentro da ecovila. As perguntas da auditoria foram traduzidas livremente, aplicadas durante as entrevistas e estão apresentadas na Tabela 1 presente no capítulo 2.

1.2 Dimensões das Ecovilas

Segundo a definição proposta pela *GEN* e utilizada no trabalho, uma ecovila deve ter presente as quatro dimensões da sustentabilidade: ecológica, econômica, social e cultural. Na prática, muitas outras dimensões podem ser encontradas e os autores divergem quanto à especificação das dimensões presentes em uma ecovila e quanto a importância de cada uma delas. Jackson (2004), por exemplo, classifica apenas três dimensões, a social, ecológica e espiritual, e segundo ele, a motivação inicial da ecovila pode focar apenas em uma das três, mas gradualmente, as outras duas tendem a se desenvolver naturalmente (JACKSON, 2004, p. 2).

Dimensão Ecológica

A dimensão ecológica pode ser identificada pela prática de atividades como a produção de alimentos orgânicos; o uso de materiais de construção que sejam adequados ao meio ambiente e de baixo impacto; integração de sistemas de energias renováveis; práticas de proteção à biodiversidade; considerar o ciclo de vida completo dos produtos; preservar o solo, a água e o ar; gestão de resíduos; proteger a natureza; zelar pelas áreas de vida selvagem; e por aí vai (*Dimensions of Sustainability – GEN*, 2016). São ações que buscam reduzir a pressão humana exercida na natureza, como o consumo exacerbado de energia, dos recursos naturais e a emissão desenfreada de gases poluentes (JACKSON, 2004, p. 5).

É comum que ocorram vários treinamentos de restauração, reflorestamento e permacultura nas ecovilas, com a intenção de introduzir novas habilidades e tecnologias que contribuem para o objetivo da comunidade. E não apenas como receptor final, as comunidades que recebem esses ensinamentos podem compartilhar com vizinhos e simpatizantes por meio de cursos e programas de demonstrações de uso destas práticas e do estilo de vida sustentável como um todo (DAWSON, 2009, p.4)

Dimensão Econômica

A dimensão econômica se baseia, em grande parte dos casos, na economia solidária, e espera-se que o dinheiro produzido dentro da comunidade circule dentro da mesma, gastando-o e investindo-o nos serviços oferecidos pelos próprios membros e

(ou) na compra de produtos essenciais (*Dimensions of Sustainability – GEN*, 2016). Em algumas comunidades a renda dos moradores é inclusive compartilhada. Os membros da comunidade que recebem renda a colocam em um pote acessível a todos e confia-se que as pessoas retirarão apenas a quantia que necessitam e da mesma forma, contribuirão com a quantia que puderem (ANDREEVSKA, 2015, p.3).

Lakabe na Espanha e a *Suderbyn*, na Suécia, são exemplos de ecovilas que adotaram o sistema de economia chamado “*gift-economy*” no qual os moradores que possuem renda doam sua renda para ser compartilhada pela comunidade, e os que não possuem doam seu tempo para realizar as atividades da ecovila. As contribuições ou quantia de dinheiro, não são controladas, são feitas de acordo com as habilidades e disposição dos moradores (ANDREEVSKA, 2015, p.3).

Pesquisadores das áreas sociais admiram como o princípio Marxista “*from each according to his ability, to each according to his need*” – “de cada um segundo sua habilidade, para cada um segundo sua necessidade” – pôde ser posto em prática por pessoas comuns em uma tentativa de criar uma sociedade mais humana e não numa imposição de regime socialista (ANDREEVSKA, 2015, p.2).

Dimensão Social

Existe uma concepção comum de que ecovilas são comunidades que apenas adotam práticas sustentáveis e buscam diminuir sua pegada ecológica. Apesar de seus objetivos de desenvolver comunidades de baixo impacto, métodos de bioconstruções, produção de alimentos orgânicos e entre outras atividades, o movimento não deve ser delimitado apenas pelo componente ecológico da sustentabilidade. Reintegração dos valores necessários para a boa convivência humana, cooperação, respeito mútuo e ajuda ao próximo também são o foco dessas comunidades que não apenas são modelos de sustentabilidade ambiental, mas também de humanidade (ANDREEVSKA, 2015, p.7-8).

Jackson (2004) considera a dimensão social como fator crítico de uma ecovila, onde o modelo de sociedade proposto busca unir novamente uma sociedade moderna fragmentada. Robert Hall (2015, apud ANDREEVSKA, 2015, p.6) sugere inclusive que as ecovilas desenvolvem tamanha inclusão social que poderia resultar na diminuição considerável da população carcerária e a de asilos. O autor traz o exemplo das comunidades *Camphill* e *L’Arche* que são voltadas para integração plena de pessoas

com deficiências (ANDREEVSKA, 2015, p.6). Nem todos a reconhecem como tal, mas as ecovilas podem ser uma solução de baixo custo para os problemas sociais e que oferecem alta qualidade de vida (JACKSON, 2004, p.5).

Sudernbyn tem uma parceria com o governo local na ilha de Gotland que resultou na criação de programas que empregam pessoas em diferentes organizações, tornando ativa grande parte da população que entraria na categoria de desempregados. Em 2014, a ecovila se tornou a primeira organização da cidade a implementar o programa “*Business Deployment Education Programme*” que permite que pessoas que não puderam se graduar na escola consigam seus diplomas em troca da realização de trabalhos na comunidade (ANDREEVSKA, 2015, p.7).

Dimensão Cultural/Espiritual

Não é necessário que haja a prática de uma religião específica, mas considera-se importante a diversidade espiritual, a relação com a Terra e seus seres vivos além de expressões artísticas diversas (*Dimensions of Sustainability – GEN*, 2016). Muitas Ecovilas foram criadas com foco na motivação espiritual, a *GEN* incentiva que a diversidade religiosa não deve ser considerada um problema, e sim uma forma de aprender sobre outras culturas e celebrar o respeito mútuo (JACKSON, 2004, p. 5).

São consideradas práticas ligadas à dimensão cultural/espiritual expressões artísticas; realização de celebrações e rituais; incentivo à criatividade; respeito à manifestações espirituais de qualquer ordem; entender a conexão e interdependência entre os elementos da terra e o lugar da comunidade nessa relação; e a criação de um mundo sustentável, em paz e com mais amor (*Dimensions of Sustainability – GEN*, 2016).

1.3 Principais Dificuldades enfrentadas pelas Ecovilas

Os maiores desafios para se formar uma ecovila segundo Debbie Kasper (2008) são encontrar o local apropriado, conseguir o dinheiro necessário, e reunir um grupo de pessoas dispostas a pôr a ideia em prática (KASPER, 2008, p. 20). Para se definir o local aonde a comunidade irá se estabelecer, é importante considerar questões como localização; tamanho da área; preço; disponibilidade de água; questões legais

acerca de construções na área, uso de composteiras e captação de água; vizinhança; e opções de financiamento (CHRISTIAN 2003 apud KASPER, 2008, p. 20). É comum que alguns grupos passem vários anos procurando pelo local ideal e inclusive que ocorram mudanças para diferentes áreas (KASPER, 2008, p.20).

Pensando em questões como diminuir o uso de automóveis e ter uma economia e vida social mais desenvolvidos, locais em áreas urbanas podem parecer ideais, entretanto, as ecovilas são usualmente em áreas rurais (KASPER, 2008, p. 20). Isto ocorre por duas razões segundo Kasper (2008): propriedades na área rural são mais baratas e as normas de construções tendem a ser menos rigorosas.

A construção do grupo que integrará a comunidade também pode ser uma problemática (KASPER, 2008, p 21). Diana Christian (2003, apud KASPER, 2008, p. 21) escreve em seu livro “*Communities Directory: A Comprehensive Guide to Intentional Communities and Cooperative Living*” que conflitos acerca da tomada de decisões sobre a propriedade, o estresse de um grande investimento e o receio da perspectiva real de se viver em comunidade são motivos comuns que fazem com que as pessoas que apresentavam interesse em fazer parte do movimento acabem se afastando e desistindo.

Existe uma expectativa muito diferente do que se esperar de uma ecovila, de como os princípios da sustentabilidade serão aplicados, como é a vida em comunidade, os trabalhos diários e a organização interna (GESOTA, 2008, p. 49). Mesmo para pessoas que são mais tendenciosas ao estilo de vida proposto pelas ecovilas e que rejeitam algumas das características da cultura social dominante, não é fácil ou simples desaprender valores a que são expostos diariamente tampouco criar uma sociedade que se distancie deles (KASPER, 2008, p. 21).

Em entrevista para o Fórum do Século 21, a brasileira May East, que mora numa ecovila na Escócia há oito anos, disse que o domínio de novas técnicas ecológicas, não é o maior desafio na formação de uma ecovila, o maior desafio é a administração das diferenças entre os moradores. May diz ainda que o fato de terem diferentes pessoas morando juntos e comendo o que eles próprios plantam não faz da comunidade uma ecovila, para que seja uma ecovila deve haver um vínculo social, ambiental e (ou) espiritual. (CURI, 2010)

Em algumas entrevistas e visitas durante o processo de escrita de seu livro, Christian (2003) identificou alguns pontos em comum que levavam as pessoas que estavam interessadas em montar uma comunidade a desistirem do investimento. São

eles: quantidade de dinheiro necessário para completar as transações da terra antes de transferir os títulos para cada membro; quanto cada lote da terra custa e considerar que nem todos os interessados terão condições de pagar pelo lote de fato; questões jurídicas para conseguir a documentação legal e um financiamento seguro; definir sobre o ou os responsáveis pelas tomadas de decisões acerca das questões que surgirem durante o processo, se o grupo todo irá decidir junto ou se indicarão uma pessoa para ser responsável; e saber a visão e propósito de todos os envolvidos, tendo em mente que não será possível chegar a um consenso no caso de um grupo que não esteja em sintonia (CHRISTIAN, 2003, p. 6-8).

Vários autores utilizam o termo “cola” para se referir à razão que mantém um grupo diverso convivendo juntos em uma comunidade (GILMAN, 1991 & BATES, 1991 et al apud GESOTA, 2008, p. 49). Diferente da motivação que inspira os indivíduos a irem para uma ecovila, a “cola” trata do fator que mantém o grupo coeso e unido apesar das dificuldades de se viver em comunidade (GESOTA, 2008, p. 49).

Kasper (2008) considera importante que haja uma economia interna e atividades sociais fortes dentro da comunidade, e para isso se faz necessário uma quantidade relativamente grande de membros. Em seus estudos de casos o autor definiu esse número em 400 membros de acordo com as entrevistas realizadas para seu artigo. Ecovilas com poucos integrantes ou em áreas mais isoladas são menos atrativas para o comércio de serviços e produtos que muitas vezes acabam deixando a comunidade, o que reflete em um buraco na economia da ecovila em questão dos produtos ou serviços que deixam de ser oferecidos e também em questão de geração de empregos, e resulta na necessidade dos moradores em procurar suprir tais carências fora da comunidade (KASPER, 2008, p. 21).

Apesar desses conselhos, é válido lembrar que ecovilas são comunidades e, como toda sociedade, estão sujeitas a constantes mudanças e variações de acordo com os indivíduos que a compõe. Não é possível generalizar um comportamento ou prever que as situações enfrentadas serão as mesmas uma vez que cada ser humano reage a sua maneira a diferentes situações. O próprio movimento das ecovilas apresenta alterações de objetivos, metas e intencionalidade em cada projeto, logo, trata-se de um processo em crescimento e mutação, e não um produto final (KASPER, 2008, p.20).

2. Metodologia (?)

As ecovilas serão estudadas a partir das dimensões da sustentabilidade apresentadas no subcapítulo 1.2 e propostas pela Rede Global de Ecovilas. Com base no método de autoauditoria CSA – *Community Sustainability Assessment* foram definidos os principais conceitos que representam cada dimensão e utilizadas perguntas do método para determinar se a ecovila encontra-se em uma situação satisfatória naquela dimensão, ou não. Abaixo se encontra a tabela com quadro de definições dos conceitos e perguntas aplicadas para verificação das mesmas:

Tabela 1. Quadro de definições

Dimensão	Conceito	Perguntas
<u>Ecológica</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de energia renovável • Gestão de água • Tratamento sanitário adequado • Agricultura orgânica/ permacultura • Uso de plantas medicinais/ medicina tradicional • Uso de transporte coletivo • Conservação do meio ambiente e da biodiversidade 	<ul style="list-style-type: none"> • A comunidade trabalha com fontes de energia renovável? • Como ocorre a gestão de água de forma sustentável na sua comunidade? • Como ocorre o tratamento sanitário na sua comunidade? • Seu projeto trabalha com agricultura orgânica/permacultura/métodos naturais? • Os alimentos consumidos dentro da comunidade são derivados de agricultura orgânica? • Métodos de cura tradicional ou natural são utilizados para cuidar da saúde das pessoas e dos animais que vivem na comunidade? • Quais são os meios de transporte utilizados para ir e vir da comunidade? • Como ocorre a conservação e restauração do ecossistema o qual a comunidade faz parte e se houve aumento de biodiversidade nesse ecossistema devido o projeto?
<u>Econômica</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Padrões de consumo minimizados • Compartilhamento dos recursos/ propriedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a extensão da consciência dos moradores sobre os impactos de seus padrões de consumo? • A terra, infraestrutura e recursos da

	coletiva <ul style="list-style-type: none"> • Fortalecimento da economia local • Combate à desigualdade econômica • Transparência econômica e administrativa 	comunidade são de propriedade coletiva? <ul style="list-style-type: none"> • Seu projeto tem como foco o fortalecimento da economia local? (sistemas de permuta, moeda local) • O projeto tem trabalhos voltados para a justiça econômica e construção de pontes entre ricos e pobres? • Em que dimensão seu projeto se empenha para trabalhar a ética e transparência em um comércio justo? • Sua comunidade tem uma administração transparente e escritura?
<u>Social</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Senso de comunidade e Suporte mútuo • Igualdade de gênero • Processo participativo na tomada de decisões • Empoderamento dos integrantes • Boa convivência e resolução de conflitos • Inclusividade de novos membros • Relação com a sociedade externa 	<ul style="list-style-type: none"> • Quão forte é o senso de comunidade e suporte mútuo no seu projeto? • Como você descreveria a igualdade de gêneros na ecovila? • Quão inclusivo é o processo de tomada de decisões na ecovila? • Como é a medida de empoderamento das pessoas da comunidade para terem papel de liderança? • Como as pessoas lidam com os conflitos e para a construção do bem-estar? • Como ocorre a integração de novos membros? • Como é a relação da comunidade com a sociedade externa?
<u>Cultural</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural • Expressões culturais • Conscientização • Proatividade • Conexão com um ente superior 	<ul style="list-style-type: none"> • Quanta diversidade cultural tem no seu projeto? • Em que dimensão a cultura é sustentada pelo seu projeto através de danças, músicas, arte, celebrações e rituais que pertencem às comunidades locais ou regionais? • Quão conscientes são os membros do projeto quanto aos impactos da modernização e sobre escolhas conscientes para minimizar os impactos negativos? • Com que frequência os membros da

		<p>comunidade participam de ativismo político voltado para o meio ambiente e justiça social?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os membros da comunidade se conectam a um propósito maior na vida ou seguem um caminho espiritual?
--	--	---

Tabela 1. Conceitua as dimensões e define as perguntas necessárias para definir se a ecovila apresenta aquele conceito. FONTE: *Community Sustainability Assessment- GEN*, 2016. Tradução livre.

Para a dimensão ecológica, os conceitos são traduzidos em atividades como otimizar o uso dos recursos hídricos sem poluí-los ou contaminá-los; ter um tratamento de esgoto ambientalmente adequado, sem despejo no solo e com uso de métodos de baixo impacto que possibilitem esse tratamento, como as fossas de evapotranspiração ou até mesmo a implementação dos banheiros secos.

O uso de transporte coletivo é um conceito importante. Como a maioria das ecovilas é rural muitas vezes é necessário ir à cidade próxima para comprar suprimentos, ter atendimento médico ou realizar serviços em geral que não são oferecidos dentro da comunidade, o que pode resultar no aumento de veículos entre os integrantes da ecovila, que não é interessante para a sustentabilidade. É importante que haja alguns veículos para que ocorra a deslocação de um ponto a outro, mas que haja o compartilhamento deste veículo, de modo que todos possam utilizá-lo quando necessário e para não incentivar o aumento de automóveis circulando e gerando resíduos no ambiente.

Essa propriedade coletiva expressada no compartilhamento de veículos da dimensão ecológica está presente na dimensão econômica também. O compartilhamento de recursos e produtos no geral significa menos resíduos gerados ao fim da vida útil do produto, menos recursos utilizados para produzir um cortador de grama para cada família quando todas poderiam dividir um só, além de trabalhar o senso de comunidade com a divisão de materiais presente na dimensão social.

Mais importante que a apropriação coletiva dos recursos é a apropriação coletiva da terra. Uma terra em que há um proprietário e vários moradores dá a ideia de uma hierarquia vertical do “dono” sob os demais, as decisões acabam sendo feitas baseadas nos interesses particulares daquele que possui a terra resultando em um desequilíbrio social que o movimento de ecovilas busca erradicar.

Além da propriedade coletiva, a dimensão econômica é representada pela minimização dos padrões de consumo; contribuir para o fortalecimento da economia

local, dando preferência para a compra e prestação de serviços locais; combater a desigualdade econômica gerada pelo desequilíbrio financeiro da má distribuição de renda; e ter transparência na administração financeira da comunidade, uma vez que todos são proprietários do dinheiro da comunidade, é importante que todos saibam da destinação do mesmo.

Para a contemplação da dimensão social é importante que exista um forte senso de coletividade presente na comunidade, que todos os integrantes se apoiem, tenham um bom convívio e um relacionamento próximo; que todos tenham voz e empoderamento nos processos de tomada de decisões e no papel de liderança; e que seja trabalhado também a igualdade de gênero dentro da comunidade, sem depreciar as mulheres ou qualquer membro, ou torná-los incapazes de expor suas vontades e opiniões.

Na dimensão cultural espera-se que existam atividades de expressões culturais frequentemente na ecovila, tanto para conectar e unir os integrantes quanto para incentivar a multiculturalismo e disseminação dos saberes e tradições. Essas expressões podem ocorrer de formas diversas, seja por meio de danças, músicas, pinturas, rituais, celebrações, meditação, ingestão de bebidas de conexão com o sagrado ou quaisquer outros meios de conexão com a entidade desejada.

Além dessas atividades de representação cultural, é essencial que exista a conscientização dos impactos negativos que podem ser gerados em todas as dimensões mencionadas e como isso influencia no meio ambiente, no meio social e no próprio ser individual, e como os integrantes devem trabalhar para combatê-los ou minimiza-los quando a dizimação não for possível.

3. Estudos de Caso

Foram selecionadas três ecovilas situadas no Distrito Federal e entorno de acordo com a disponibilidade e interesse das mesmas em participar do trabalho. A participação consiste na realização de uma visita onde foram feitas perguntas previamente montadas além de conversas livres sobre temas que os entrevistados considerassem importante. As perguntas são sobre o dia a dia da ecovila, como foi o processo de formação da comunidade e os principais problemas e dificuldades enfrentados por ela e por seus moradores.

Além das perguntas foi realizado o processo de autoauditoria⁷ sugerido pela Rede Global de Ecovilas para se obter um parâmetro de comparação entre as ecovilas estudadas, como explanado no capítulo 2.

Os nomes das ecovilas e dos participantes não serão divulgados com objetivo de manter a privacidade dos mesmos de modo que todos os nomes citados no trabalho são fictícios.

Esta parte do trabalho apresentou uma dificuldade em particular, pois várias ecovilas que foram convidadas a participar recusaram o convite alegando falta de disponibilidade ou de interesse em tornar pública informações que consideram restritas. Por se tratar de um assunto relativamente novo, existe uma dificuldade em se encontrar dados concretos e quantitativos sobre as ecovilas. Para se ter um conhecimento mais profundo sobre uma delas depende exclusivamente da mesma ter o interesse em se cadastrar na Rede Global, em participar dos eventos e fornecer essas informações. Não existe uma associação ou conselho de cadastro obrigatório para que se tenha um controle de quantidade e qualidade. Diversas comunidades podem preferir não ter esse tipo de contato.

3.1 Ecovila A

A Ecovila A foi iniciada em 2007 quando seu fundador decidiu abandonar seu ritmo de vida convencional na cidade. Após experiências de desapontamento com a rotina de trabalho e de relações pessoais movidas pela inveja, desonestidade e interesses econômicos, José, que já havia realizado cursos na área de permacultura e tido contato com o movimento ambiental, fez uma viagem em busca de alternativas que fugissem desse sistema consumista.

José passou oito meses viajando pela Europa, onde visitou diversas ecovilas permanecendo de quinze a trinta dias em cada uma delas para conhecer seus hábitos, valores e vivências. Quando retornou ao Brasil resolveu investir numa área que já possuía e transformá-la em uma comunidade sustentável.

José largou seu emprego na cidade e passou a viver da ecovila e para ela, atitude muito corajosa e considerada por muitos como radical. Nesta fase do processo que ocorre a mudança de hábitos, é comum que ocorra a perda de relacionamentos,

⁷ *Community Sustainability Assessment – CSA*

muitas pessoas do ciclo social anterior não compreendem os novos hábitos e acabam por se distanciar, e com José não foi diferente.

Durante sua viagem, José vivenciou as ecovilas e como funcionava o senso de coletividade dentro delas. Segundo ele, por uma questão cultural, o brasileiro não possui o mesmo senso que o estrangeiro, e ele, pessoalmente, diz que encontra muita dificuldade em trabalhar isto dentro de sua ecovila com os integrantes e com os visitantes. Algumas vezes existe a ideia infundada de que ecovila é uma casa de lazer, aonde se vai para descansar, se divertir e esquecer-se das responsabilidades, mas ele enfatiza que não é nada disso, existe muito trabalho a ser feito na comunidade e todos devem contribuir, inclusive os que vão só de passagem.

Senso de comunidade significa ter consciência de manter a área coletiva limpa, ser responsável por seu lixo, contribuir para a organização daquilo que bagunçou, colocar tudo no lugar, levar o lixo que foi produzido para o local de descarte apropriado, entre outros. Todos são responsáveis por seus impactos, sejam positivos ou negativos, não existem pessoas que vão limpar as suas coisas ou cuidar da sua bagunça, e José diz que passa por esse desafio diversas vezes ao gerir a ecovila, mas busca solucionar com conversas para que as pessoas tomem consciência e compreendam.

Além do senso de comunidade, morar em uma comunidade aberta tem também a problemática da privacidade. José relata que nos finais de semanas, tempo que gostaria que fosse destinado a estar com a família, descansar e resolver problemas pessoais, são os dias que a ecovila recebe mais visitas, muitas vezes para conhecer sua própria casa que tem uma estrutura de bioconstrução muito interessante, e pessoas querendo conhecer mais sobre o movimento e como funciona a comunidade, fazendo com que ele deixe de lado o tempo destinado a si para receber essas pessoas.

Moram na ecovila atualmente, cinco pessoas e um voluntário. Segundo o fundador, muitas pessoas já passaram pela comunidade com interesse em integrá-la, mas não se adaptaram ao estilo de vida e acabaram desistindo. Ele reconhece que é uma mudança radical. É difícil sair de sua zona de conforto, e trata-se de uma mudança muito mais complexa na prática do que na teoria.

José acredita ainda, que a maior barreira entre a mudança das pessoas das cidades para uma ecovila é a questão financeira, pois, a ideia de como irão conseguir trabalhar para ganhar dinheiro e se sustentarem assusta as pessoas, mas para ele o trabalho dentro da ecovila já é o bastante para a pessoa viver bem e realizada.

As atividades diárias de cada um são definidas toda semana, mas não existem cobranças de quanto cada um tem que trabalhar, ou alguém ‘vigiando’ se a tarefa está ou não sendo realizada. Eles trabalham com resultados e partem do pressuposto que todos têm consciência de seus deveres e irão realizá-los da melhor forma possível. A divisão de tarefas é feita em conjunto assim como a definição dos responsáveis pelas mesmas. José reforça que todas as decisões são feitas por todos os moradores apesar do martelo final ser batido por ele. Ele diz que sempre dá preferência ao senso comum, buscando uma terceira alternativa que não seja nem a decisão dele nem a do indivíduo, mas sim a de ambos, construída em parceria, mas diz que é importante ter uma pessoa que seja a cabeça do projeto e que tal pessoa assuma esta posição. Quando questionado sobre a ideia de não haver líder em uma ecovila ele diz que vivenciou experiências assim na Europa, mas que por uma questão cultural, não acredita ser possível no Brasil.

Existem três possibilidades para se integrar a ecovila: comprando um bangalô privado, morando na casa comunitária ou realizando trabalho voluntário. No caso da compra do bangalô, a pessoa que comprá-lo deve contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da ecovila recebendo um salário por um ano para realizar uma função específica. Os moradores da casa comunitária contribuem de diversas formas, com trabalhos manuais, mas sem uma função específica, assim como os voluntários que vão para lá em busca de novas experiências, além de transmitir seus conhecimentos também numa troca de valores.

Os moradores chegaram até a ecovila de diversas maneiras, alguns estiveram presentes em palestras que o fundador apresentou, tiveram interesse na ideia e entraram em contato com ele, outros eram moradores locais que tiveram contato com a comunidade sustentável quando ela foi se instalando e passaram a integrá-la, outros conheceram por documentários, vídeos no *youtube*, ou pela página de *facebook*, e então foram visitar e acabaram ficando. Todos com interesse em ter uma vida mais sustentável e em contato com a natureza e que veem na ecovila uma oportunidade para tal.

A ecovila é regida pelos princípios de design da permacultura, ou seja, cada elemento do sistema deve ter pelo menos três funções. A casa não deve servir apenas para proporcionar moradia, mas para alimentar a horta local, tratar o esgoto, reutilizar água, entre outros exemplos. Neste sentido, a ecovila conta com um tanque de água que além da servir para a produção de peixes serve como local de banho para os moradores e visitantes, e ainda como local de realização de esportes como o cable park, atividade que é diferencial na ecovila e chama bastantes turistas.

Como numa relação de comensalismo, a movimentação no tanque provocado pelo esporte e pela constante entrada e saída das pessoas fazem os peixes se movimentarem de modo a trabalhar sua carne e aumenta a entrada de oxigênio na água contribuindo para a sobrevivência e crescimento dos animais. Outro princípio trabalhado pela ecovila é o de desenvolvimento local. Toda a mão de obra utilizada no processo de construção e instalação de serviços da comunidade no terreno foi local, objetivando o fortalecimento das comunidades locais.

Não existe sistema de captação de água da chuva uma vez que a ecovila é localizada muito próximo a uma lagoa situada numa das principais bacias hidrográficas da América do Sul, então eles consideram a água uma abundância e trabalham apenas para não poluí-la, realizando tratamento de esgoto local de três maneiras diferentes: fossas de evapotranspiração com bananeiras, biodigestor e banheiros secos.

A comunidade também não faz uso de energia renovável ainda, eles consideram uma tecnologia muito cara no Brasil e acham que não vale a pena para eles no momento apesar de existir o interesse em utilizar instalações de energia renovável no futuro quando o balanço financeiro da comunidade estiver mais equilibrado. Atualmente a comunidade utiliza a energia elétrica do governo que consideram mais rentável.

Em questão da vizinhança, a ecovila se localiza numa área considerada perigosa por muitas pessoas, com pouca segurança, etc, e esta questão afugenta alguns possíveis moradores. O fundador, entretanto, não acha isto um problema, diz que houve apenas um caso de furto na comunidade de um aparelho esportivo, mas não se sabe se o responsável foi de fato da região. Outro ponto é o fato de ao lado da ecovila ter uma plantação de monocultura que utiliza de agrotóxicos, mas apesar das diferenças de ideais, o fundador disse que também nunca houve problemas sérios na relação com os vizinhos.

Quando questionado sobre o principal problema para se gerir uma ecovila José responde que é a gestão das pessoas que a integram e a visitam. Ele diz que questões quanto ao comprometimento junto ao projeto dificultam a continuidade da ecovila. Apesar de não identificar como uma dificuldade pessoal, ele reconhece que questões financeiras também são um grande desafio. Ele comenta que conhece ecovilas que não foram pra frente e fecharam por problema principalmente no lado econômico de não conseguirem de sustentar.

Todo o lixo na ecovila é separado, o lixo orgânico é utilizado na composteira, enquanto o lixo não reutilizável é levado para um ponto de recolhimento do governo.

Não necessariamente, um ponto de coleta seletiva, mas ele reforça que mesmo assim eles fazem a separação para facilitar.

Na opinião do fundador, a ecovila abrange as quatro dimensões sugeridas pela Rede Global de Ecovilas. Na dimensão econômica eles possuem um plano de rendimento econômico de atividades e serviços produzidos dentro da ecovila. Na dimensão ecológica ele acredita que se encaixem as construções ecológicas, com uso de adobe e reboco, o tratamento de esgoto e a produção de alimentos, eu incluiria ainda o fato de se basearem nos princípios da permacultura. Na dimensão cultural eles têm movimentos voltados para as artes, como o adobe artístico, e apesar de não terem uma religião oficial da comunidade, têm movimentos e celebrações de conexão com o sagrado, fogueiras, rodas de conversa e ingestão de bebidas de medicina do sagrado. Na dimensão social eles realizam trabalhos em conjunto com uma escola próxima à ecovila, onde fazem aulas de introdução à permacultura, fazem visitas escolares trazendo os alunos para vivenciarem a ecovila e tem o plano futuro de trocarem as fossas de esgoto que hoje são convencionais e poluem a área por fossas de evapotranspiração, e eu incluiria ainda os cursos que eles realizam visando passar pra frente os ensinamentos e a integração com o movimento esportivo que é um atrativo a mais para a ecovila.

Quando perguntado sobre o grau de relevância das dimensões o proprietário diz que não acredita na dualidade ou quantificação da importância das coisas. Para ele a ecovila funciona como um sistema de modelo habitacional vivo e que se autorregula sendo a dimensão mais relevante algo que varia, ou seja, haverão momentos em que a dimensão social será mais importante, outros em que a econômica precisará de mais atenção, ou a ecológica e a cultural, mudando de acordo com a situação que está sendo vivida.

Para ele a meta esperada dentro das dimensões foi atingida, porém nunca existirá um objetivo final, pois, sempre existirão novos planos futuros. A ideia que estão querendo pôr em prática no momento é a implantação de AAC – Agricultura Apoiada pela Comunidade⁸, onde seria cobrado um valor mensal a quem quiser se associar e quinzenalmente ou mensalmente os participantes poderiam ir à horta da ecovila colher uma determinada quantia de alimentos.

⁸ Mais conhecido como CSA, do inglês “*Community Supported Agriculture*” foi traduzido e chamado AAC para não confundir com o método de autoauditoria “*Community Sustainability Assessment*”.

3.2 Ecovila B

A segunda ecovila tratada no trabalho foi criada em 2011 quando um grupo de pessoas com o interesse de morar em uma habitação mais segura e sustentável se juntou e iniciaram a busca pela área ideal. Cada integrante tinha seu objetivo pessoal, mas todos partilhavam da intenção de se ter mais contato com a natureza e melhor qualidade de vida.

Quando encontraram uma área considerada boa para se morar, o terreno estava com diversos problemas ecológicos, haviam muitos buracos causados pela retirada imprópria de grandes quantidades de terra; a área era utilizada como pasto de animais pelo antigo dono, e devido a este fato havia problemas de compactação, muito mato, etc.

Mesmo assim, o grupo viu o potencial da terra e se juntaram para fechar a compra. Nesse momento fez-se necessário a definição dos integrantes de fato do projeto e, como já explicitado no capítulo 3, é comum que haja pessoas muito interessadas quando imaginam o projeto, mas que mudam de opinião quando ele começa a virar realidade. Da mesma forma, o grupo da ecovila B também diminuiu quando foi definido o valor do terreno e foi dado um passo adiante para se concretizar o projeto:

“Todo mundo quer, mas na hora de é essa a terra, são tantas pessoas, vai custar tanto, essa é uma peneira que tem gente que não tem dinheiro, tem o pessoal que não quer mais e desiste, que não era o que queria para o projeto de vida [...]” (Entrevistado 1, entrevista realizada 07/05)

Finalizada a fase da compra, iniciou-se a fase de recuperação da área e também os projetos de habitações dos integrantes. Cada integrante possui uma determinada cota do terreno, destinada para a construção de suas casas à sua maneira.

O primeiro projeto que ocorreu dentro da ecovila foi a instalação de bacias de contenções, projeto que teve financiamento externo, e que contribuiu para conter a água da chuva que escorria pela estrada levando grande quantidade de terra, dificultando a passagem de automóveis e prejudicando a infiltração de água no solo.

Depois voltaram a atenção para a recuperação do solo, para então poder dar início às hortas. Inicialmente buscaram terra para terminar um aterro que havia no terreno e foram ajudados por uma construção que acontecia em um dos condomínios vizinhos que estavam retirando vários caminhões de terra e cederam esta terra para eles de modo a cobrir alguns buracos. Era necessário então fortalecer a terra com nutrientes,

e mais uma vez os condomínios vizinhos contribuíram com as podas de árvores e lixo orgânico recolhido que foram depositados na terra como matéria orgânica.

Com a plantação da horta, teve início também a AAC – Agricultura Apoiada pela Comunidade, projeto que, como dito no subcapítulo anterior, busca aproximar o consumidor do agricultor e funciona sendo cobrado um valor mensal para cobrir os gastos com as mudas, irrigação, adubo e demais necessidades da horta; e toda semana os participantes – chamados de coagricultores – se reúnem para pegar os alimentos colhidos.

O projeto, que é realizado dentro da ecovila, é independente e permite participantes de fora. É um projeto interessante para a economia solidária e tem como objetivo também aumentar a interação das pessoas com a terra. São realizados mutirões para os cuidados na horta todas as semanas e são abertos ao público.

Durante a visita observou-se que apenas três das quatorze famílias que compraram cotas do terreno já estavam morando na ecovila. Algumas estavam com o projeto da casa feito, mas questões estruturais de captação de água e energia ainda estavam por ser resolvidas. Outro problema ainda maior é que o grupo está sem acesso à parte do terreno que é muito íngreme para acessar por dentro mesmo com carro. A entrada estava ocorrendo pelas terras do vizinho até que uma desavença com o mesmo interrompeu o acordo e cessou o acesso por aquela área, tornando inviável a ida das famílias que possuem terra naquela parte do terreno.

Entre os integrantes que já habitam o terreno, o dia a dia não é muito fora do comum. A maioria deles possuem empregos na cidade próxima então suas rotinas continuam as mesmas, acordam e saem cedo para o trabalho e, aqueles que têm filhos, para levarem os filhos à escola. Apenas uma moradora se dedica em tempo integral à ecovila, o que vai contra a dimensão social da *GEN* uma vez que não existe o convívio diário entre os integrantes. Existem reuniões em assembleias duas vezes ao mês para que sejam discutidos assuntos gerais da ecovila e encontros aos sábados para a colheita dos alimentos da AAC. Não são todos os integrantes da ecovila, entretanto, que participam da AAC, e nem todos comparecem às assembleias. Entre os que moram no terreno foi dito que algumas vezes se encontram à noite após os trabalhos, mas que é difícil por conta da rotina pessoal de cada um. Entre os que ainda não tem casa no terreno, a visita e o convívio com os demais ocorre esporadicamente.

Apesar dos integrantes não identificarem uma liderança específica, existe uma Diretoria composta por seis integrantes que são responsáveis por marcar as

assembleias e tomar a frente nos assuntos a serem tratados. Na parte financeira da administração da ecovila, cada integrante paga uma mensalidade para cobrir os gastos coletivos da comunidade. A ecovila, que possui CNPJ como associação, pretende contratar também um contador para cuidar das demais finanças para que não haja desavenças entre os integrantes de ter que cobrar aqueles que por vezes são inadimplentes no pagamento da mensalidade.

Quando questionado sobre as dimensões da Rede Global presente na ecovila um dos integrantes respondeu que o assunto não foi discutido pelo grupo, mas que pessoalmente acredita que a dimensão social é a de maior importância uma vez que existe a intenção de morar com o mesmo grupo de pessoas por muitos anos e desentendimentos na hora de chegar a um consenso são muito comuns. Segundo ele, é preciso ter o lado social bem trabalhado para que se tenha uma convivência agradável e harmoniosa, sem conflitos:

“[...] que o interesse coletivo não seja o interesse em comum de todos, mas que seja também o somatório dos interesses individuais”. (entrevistado 1, ecovila b)

Após a dimensão social, ele identificou como mais importante a ecológica. Segundo ele é a dimensão responsável por unir o grupo e a meta e o objetivo que levou cada integrante a buscar uma vida mais próxima à natureza, cuidando e conservando o meio ambiente.

A dimensão econômica não é o objetivo da comunidade. Segundo o entrevistado, nunca houve a intenção de se viver daquela terra ou ser autossustentável, apesar de alguns integrantes terem essa proposta, como a AAC, projeto que se encaixa na dimensão econômica, tem princípios da economia solidária e é profissão para uma das integrantes que se dedica principalmente ao trabalho na horta.

A dimensão cultural e religiosa não é muito trabalhada na comunidade, sem um viés religioso específico cada membro tem sua crença e realiza seus cultos religiosos livremente respeitando uns aos outros. Algumas celebrações e encontros são realizados, como o encontro semanal da AAC, mas não é uma atividade forte dentro da comunidade.

Outra entrevistada comentou apenas que acredita que todas as dimensões são abrangidas pela comunidade e provavelmente ainda muitas outras.

3.3 Ecovila C

A ecovila C existe há mais tempo dentre as ecovilas estudadas. Teve início no começo dos anos 80 quando dois casais prestes a voltarem para a terra de onde saíram motivados pelo movimento hippie do Brasil, em busca de uma vida mais próxima à natureza, e compraram um terreno extenso, com duas nascentes e próximo a um vilarejo.

No começo não haviam estruturas no terreno, apenas natureza, e eles viviam em barracas e com uma cozinha improvisada embaixo de uma árvore na beira do rio. Com o passar dos anos a ecovila cresceu, foram construídas diversas estruturas, existem alguns banheiros coletivos espalhados pelo terreno, alguns templos onde são realizadas palestras, vivências e rituais; casas de hospedagem para o serviço de hotelaria; uma sauna seca; dois poços para banho; a portaria e uma recepção onde funcionam também a lanchonete e o restaurante.

A ecovila é próxima de um vilarejo no GO, onde tem escola até certo nível para as crianças, e uma estrutura maior, com mercado, lojas e produtos que os integrantes podem ter fácil acesso. Caso precisem de algo mais elaborado, tem uma cidade um pouco maior a doze quilômetros de estrada de terra, onde fica também a escola para os mais velhos. Não são todos os integrantes que possuem veículos próprios, então a locomoção é feita a pé ou através de caronas.

Na ecovila existem a família – que fundou a comunidade e é proprietária da terra – e os moradores temporários que trabalham voluntariamente em troca da moradia. Os proprietários têm uma casa própria no terreno e lideram as atividades da comunidade, o que deve ou não ser feito, como, quando, onde, e lidam com os eventuais problemas e custos financeiros. Os moradores temporários moram em barracas no camping, ajudam nos trabalhos que tem que ser feitos e contribuem com o que puderem e souberem fazer. Existe uma lanchonete onde não há um serviço próprio, mas que eles podem preparar suas refeições, além de uma cozinha comunitária. Os gastos com alimentos são divididos entre todos.

Para morar na ecovila, mesmo que temporariamente, a pessoa deve conversar com um dos proprietários, numa espécie de entrevista, para conhecer e saber a intencionalidade e se a pessoa se encaixa com os ideais do grupo. Após a entrada e permanência na comunidade por algum tempo, é possível que o integrante compre uma cota do terreno e vire sócio. O filho do fundador alega, entretanto, que é difícil isto

acontecer, pois, além do valor financeiro que deve ser pago pelo terreno, existe ainda a construção da casa que segundo ele também é de alto custo pela distância da cidade, o que eleva tanto o preço do material quanto da mão de obra. Além da questão financeira, o entrevistado acredita que não há muita adesão porque os moradores gostam de ser algo temporário, em que eles podem ir embora à hora que quiserem para fazer viagens, sem obrigações ou compromissos. Ele diz que a própria família proprietária da comunidade sente falta dessa liberdade e que é desanimador como a comunidade deixa de funcionar em sua plena atividade quando eles precisam se ausentar por algum tempo. Isso já os levou a considerarem inclusive a venda da propriedade.

Como atividade da dimensão ecológica pode-se apontar o trabalho de recuperação feito na área. Quando foi comprada, a área era utilizada como pasto e estava bastante degradada, e os fundadores foram fazendo o trabalho de recuperação e hoje têm uma área reflorestada, com árvores já grandes formando quase uma mata fechada. Além disso, a ecovila possui composteira, uma horta, algumas áreas de cultivo e uma agrofloresta. O sistema de captação de água é por gravidade de dois poços que possuem no terreno. No momento, eles estão passando por um grande período de seca, o que diminuiu o nível do poço e fez que com a captação de água tenha que ser mais cuidadosa. Por conta disso, a irrigação das plantações está temporariamente cortada, para dar preferência à água dos chuveiros, das pias e vasos sanitários. Eles não fazem uso de energia renovável apesar de ser uma das metas do grupo e o tratamento sanitário hoje é o convencional, mas também tem como objetivo a construção de fossas de evapotranspiração. As construções nem sempre são bioconstruções, eles buscam fazê-las do modo que for mais viável e duradouro, utilizando métodos de baixo impacto quando possível. A sauna, por exemplo, localizada na beira de um dos poços, era feita de adobe e desmoronou três vezes durante o período chuvoso quando o poço enchia e destruía a estrutura. Eles então decidiram fazê-la de cimento comum para que tivesse mais resistência contra a água.

Atividades praticadas pela ecovila e que podem ser consideradas dentro da dimensão econômica são a realização de festivais e eventos, o serviço de hotelaria, rituais, vivências e terapias, além da venda de alimentos dentro da comunidade e das próprias cotas do terreno quando seguido as indicações já citadas acima. Os moradores que trabalham nos eventos recebem um salário proporcional aos lucros do evento.

Na dimensão social, o grupo de moradores não é fixo dentro da comunidade. Existem os fundadores e proprietários e aqueles que estão na ecovila, mas que podem ir

embora a qualquer momento que desejarem. Essa flexibilidade dificulta em algumas questões como divisão de trabalho, pois a qualquer momento eles podem perder a prestação de algum serviço, além da perda do convívio social com aquela pessoa. Algumas pessoas passam anos na comunidade e outras, meses. A quantidade de pessoas varia principalmente com o período do festival, quando ocorre o aumento considerável de circulação de pessoas na comunidade.

A dimensão cultural na ecovila C é muito bem desenvolvida. A comunidade oferece um serviço pago aos visitantes de terapias com argilas, músicas e construção de mosaicos; sauna; vivências de jejuns, dietas de limpeza dos órgãos; massagens; rituais femininos e a realização de eventos e festivais como o FICA – Festival Internacional de Cultura Alternativa, onde acontecem palestras, oficinas e apresentações culturais com pessoas de diferentes nacionalidades que se juntam para compartilhar as diversas culturas e práticas ecológicas, ambientais e espirituais.

4. Análise de Resultados

De acordo com as perguntas contidas no quadro da Tabela 1 e respondidas por um integrante de cada ecovila, foi criado este quadro comparativo dos resultados de aplicação das quatro dimensões dentro das ecovilas estudadas:

Tabela 2. Quadro de resultados

Dimensão	Conceito	Ecovila A	Ecovila B	Ecovila C
<u>Ecológica</u>	1. Uso de energia renovável	1. Não verifica	1. Não verifica	1. Não verifica
	2. Gestão de água	2. Verifica	2. Verifica	2. Verifica
	3. Tratamento sanitário adequado	3. Verifica	3. Verifica	3. Não verifica
	4. Agricultura orgânica/ permacultura	4. Verifica	4. Verifica	4. Verifica
	5. Uso de plantas medicinais/ medicina tradicional	5. Verifica	5. Verifica	5. Verifica
	6. Uso de transporte coletivo	6. Verifica	6. Não verifica	6. Verifica
	7. Conservação do	7. Verifica	7. Verifica	7. Verifica

	meio ambiente e da biodiversidade			
<u>Econômica</u>	1. Padrões de consumo minimizados 2. Compartilhamento dos recursos/ propriedade coletiva 3. Fortalecimento da economia local 4. Combate à desigualdade econômica 5. Transparência econômica e administrativa	1. Não verifica 2. Não verifica 3. Verifica 4. Verifica 5. Verifica	1. Verifica 2. Verifica 3. Verifica 4. Não verifica 5. Verifica	1. Verifica 2. Não verifica 3. Não verifica 4. Não verifica 5. Não verifica
<u>Social</u>	1. Senso de comunidade e Suporte mútuo 2. Igualdade de gênero 3. Processo participativo na tomada de decisões 4. Empoderamento dos integrantes 5. Boa convivência e resolução de conflitos 6. Inclusividade de novos membros 7. Relação com a sociedade externa	1. Não verifica 2. Verifica 3. Não verifica 4. Não verifica 5. Verifica 6. Verifica 7. Verifica	1. Não verifica 2. Verifica 3. Verifica 4. Verifica 5. Verifica 6. Verifica 7. Verifica	1. Verifica 2. Verifica 3. Não verifica 4. Não verifica 5. Verifica 6. Verifica 7. Verifica
<u>Cultural</u>	1. Diversidade cultural 2. Expressões culturais 3. Conscientização 4. Proatividade 5. Conexão com um ente superior	1. Não verifica 2. Verifica 3. Não verifica 4. Não verifica 5. Não verifica	1. Não verifica 2. Não verifica 3. Verifica 4. Verifica 5. Verifica	1. Verifica 2. Verifica 3. Verifica 4. Verifica 5. Verifica

Tabela 2. Quadro de análise comparativa de resultados das dimensões Ecológica, Econômica, Social e Cultural dentro das Ecovilas A, B e C. FONTE: Produção própria.

Dentro da dimensão ecológica as três ecovilas tiveram um resultado satisfatório ao verificarem os conceitos de gestão de água; agricultura orgânica/permacultura; uso

de plantas medicinais; e conservação do meio ambiente. O conceito de tratamento sanitário adequado foi verificado nas ecovilas A e B que utilizam de forma majoritária as fossas de evapotranspiração, sendo adotado também os biodigestores e os banheiros secos na ecovila A. Já a ecovila C, utiliza o tratamento de esgoto convencional do governo, mas tem a instalação de fossas de evapotranspiração como meta.

Outro conceito que não foi verificado em todas as ecovilas foi o uso de transporte coletivo. Enquanto nas ecovilas A e C a quantidade de veículos é reduzida e existe um sistema de caronas entre os que possuem e os que não possuem, enquanto na ecovila B todos os integrantes possuem automóvel próprio. Mesmo sendo uma ecovila localizada próximo à cidade, isso pode ser resultado de uma comunidade que ainda é muito ligada ao meio urbano, pois apesar de morarem na ecovila, quase todos os integrantes têm sua vida profissional na cidade e ainda existe uma dependência muito grande. Em contrapartida, a situação de poucos automóveis nas ecovilas A e C não necessariamente indicam um interesse pela redução de veículos emitindo gases poluidores, pode ser uma situação ocasionada pelo poder aquisitivo de cada integrante. Não cabe a mim, entretanto, julgar as motivações por detrás dos atos, mas apenas constatar-los.

Apenas um conceito não foi verificado em nenhuma ecovila, o uso de energia renovável. Isto pode ocorrer pelos altos custos de materiais necessários para a captação e geração de energia como justificado por um membro da ecovila A que disse que não faziam uso desse tipo de energia por inviabilidade financeira e por terem acesso à energia elétrica em um preço mais em conta para a comunidade.

Apesar das três ecovilas terem verificado o conceito de agricultura orgânica, apenas a ecovila B tem um plantio em escala que possa suprir a alimentação dos integrantes sem a necessidade da compra de vegetais produzidos externamente. A ecovila A e C tem uma horta de menor escala e que não está sempre em funcionamento, fazendo com que muitas vezes os alimentos tenham que vir de fora da comunidade.

Na dimensão econômica a ecovila que teve pior resultado foi a C, verificando apenas o conceito de padrões de consumo minimizados. Apesar de haver o compartilhamento dos recursos, a propriedade da ecovila C não é coletiva, pertence apenas à família que a fundou e conseqüentemente, a transparência econômica e administrativa também não é verificada uma vez que essas informações acabam sendo restritas àqueles que trabalham nessa parte ou aos proprietários mesmo. Existem ideais de fortalecimento de economia local e combate a desigualdade econômica, mas não há

ações práticas voltadas para esses conceitos, por isso eles também foram classificados como não verificados.

A ecovila com melhor resultado foi a B, que não verificou apenas o conceito de combate à desigualdade econômica, mas teve resultado positivo nos conceitos de padrões de consumo minimizado; compartilhamento dos recursos e da propriedade; fortalecimento da economia local, com a AAC; e transparência econômica e administrativa. A ecovila A verificou os conceitos de fortalecimento da economia local, combate à desigualdade econômica e transparência econômica e administrativa, enquanto não verificaram os conceitos de padrões de consumo minimizado e compartilhamento de propriedade como na ecovila C.

A dimensão social deixou a desejar nas três ecovilas mesmo aparentando existir uma boa convivência entre os integrantes das mesmas. Na A, moravam cerca de sete pessoas, o que não caracteriza uma comunidade; seis delas dividiam uma casa enquanto o fundador morava em um bangalô privado; durante toda a entrevista não foi visto nenhum outro morador; foi relatado que as refeições são feitas em conjunto apenas ocasionalmente e a convivência apesar de relatada como boa, não foi percebida durante a visita.

Na ecovila B, a situação é parecida, os integrantes têm uma boa relação, mas não existe convívio diário. Dentre aqueles que moram no terreno, a rotina de trabalho do dia a dia e os interesses próprios fazem com que os moradores não passem muito tempo juntos. Cada um construiu sua casa em sua parte do terreno e é lá onde passam a maior parte do tempo. Existem os momentos em que se encontram, mas pelo que foi percebido não é algo corriqueiro. As outras onzefamílias que possuem uma cota do terreno, mas ainda não moram na área, não frequentam o local com regularidade e encontram os demais integrantes esporadicamente nas assembleias ou reuniões. As atividades coletivas usuais também não são realizadas na ecovila B, apenas uma integrante passa os dias na ecovila, vivenciando e trabalhando diretamente com a terra, no plantio e administração da horta, enquanto os demais têm uma vida muito ligada à cidade.

Na ecovila C foi encontrado um grupo de integrantes maior e percebido a boa convivência entre eles. Entretanto, não existe o processo participativo na tomada de decisões que é feita pela família proprietária e acatada pelos demais, que podem opinar e conversar sobre o assunto, mas não pesam para a decisão final.

O resultado da tabela reflete bastante a condição de propriedade coletiva versus propriedade privada, é notável como a ecovila B, que tem de fato a propriedade do

terreno dividida por todos os integrantes, tem um resultado melhor na dimensão social, apesar da baixa convivência no dia-a-dia. As outras ecovilas A e C tem uma desvantagem nessa questão da propriedade que influencia em outros conceitos como o processo participativo na tomada de decisões e o empoderamento dos integrantes que não foram verificados em ambas ecovilas. O conceito de inclusividade de novos membros foi considerado como verificado nas três ecovilas, apesar de todas elas terem um processo de seleção para que o indivíduo faça parte da comunidade, o que dá uma ideia de autoritarismo e exclusão daqueles que querem entrar, mas não são aceitos. É compreensível que o grupo busque pessoas com os mesmos ideais para integrar a comunidade e dar continuidade nos valores passados pela mesma, mas vale se questionar até que ponto existe a inclusividade nessa integração de novos membros.

A dimensão cultural não é o foco das ecovila A e B. Mesmo respeitando e valorizando a cultura e religião, a ecovila B não realiza celebrações, festividades, movimentos artísticos ou manifestações espirituais enquanto a ecovila A, mesmo que de forma moderada, tem algumas celebrações com fogueiras, bebidas de conexão com o sagrado e valorização artística nas bioconstruções feitas pelos próprios integrantes. Recentemente a ecovila A realizou seu primeiro festival cultural onde tiveram apresentações de bandas musicais, atividades esportivas associadas à ioga e ao circo, expressões artísticas como oficinas de grafiti e mandalas e celebrações ritualísticas como meditação da lua cheia. Apesar de ter sido a primeira edição do festival, foi um grande passo para a ecovila dentro da dimensão cultural que pode significar mudanças no quadro de resultados para a ecovila A.

A ecovila C é a mais voltada para a dimensão cultural tendo verificado todos os conceitos da dimensão e realizando anualmente festivais de incentivo à cultura alternativa, onde são realizadas diversas palestras, oficinas e rituais, como já mencionado no subcapítulo 3.3.

Como resultado final, temos que nenhuma das comunidades estudadas pode ser enquadrada, no período atual e segundo os critérios estabelecidos pela Rede Global de Ecovilas, como uma ecovila. Todas as três realizam atividades voltadas para o meio ambiente, contribuem para a sustentabilidade, conservação ambiental e tem metas que as deixam cada vez mais próximas de alcançar a definição de ecovilas, mas não atendem à definição da Rede Global. Novamente chamo a atenção que este resultado se baseia nas informações obtidas por apenas um membro da comunidade, o que o limita e restringe, e ainda para o fato de que dentro das definições sugeridas por outros autores

apresentados no capítulo 1 deste trabalho, como Gilman e Braun, as três comunidades seriam qualificadas sim como ecovilas por serem grupos que integram as atividades humanas à natureza, promovem o desenvolvimento humano saudável, se baseiam em um modelo econômico-ecológico e tem a intencionalidade de promover a sustentabilidade e um meio ambiente equilibrado.

4.1 Análise FOFA

Como uma forma de análise geral do movimento de ecovilas, foi realizado um quadro de análise FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças⁹, que é um método de avaliação estratégica da administração utilizada em diversas outras áreas e tem como objetivo:

“definir estratégias para manter pontos fortes, reduzir a intensidade de pontos fracos, aproveitando oportunidades e protegendo-se de ameaças. Diante da predominância de pontos fortes ou fracos e de oportunidades e ameaças, pode-se adotar estratégias que busquem a sobrevivência, manutenção, crescimento ou desenvolvimento da organização” (DE AZEVEDO & COSTA, 2001, p.2)

A FOFA foi realizada de forma intuitiva, baseada nas observações realizadas em cada visita e nos artigos lidos e estudados. Ressalta-se que a amostra realizada foi pequena, logo a análise é fundamentada em apenas três das diversas experiências existentes no mundo todo.

Tabela 3. Análise FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças

	Fatores Internos	Fatores Externos
	Forças	Oportunidades
Pontos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> • Relação com o meio ambiente • Rural • Conservação ambiental • Melhoria nas relações humanas • Maior qualidade de vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento ambiental • Publicidade • Ecoturismo • Hotelaria • Festivais/Eventos • Rede Global de Ecovilas • Crescimento de estudos

⁹ Tradução de *SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*.

	<ul style="list-style-type: none"> • Ingestão de alimentos mais saudáveis • Compostagem • Localização 	acadêmicos
Pontos Fracos	<p style="text-align: center;">Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Senso coletivo • Conflitos • Financeiro • Rural • Compromisso dos integrantes • Privacidade • Dependência das condições climáticas • Modo de lidar com a tecnologia 	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Custo das energias renováveis e dos materiais de baixo impacto • Preconceito • Falta de apoio estatal • Hotelaria (é só um serviço?) • Vizinhança • Diferentes conceitos e classificações • Alienação midiática

Tabela 3. Quadro de análise FOFA do movimento de ecovilas realizado por meio das observações e estudos feitos durante o trabalho. FONTE: Produção própria.

As forças e as fraquezas são considerados fatores internos à comunidade e que podem ser controláveis pelas mesmas. Para as ecovilas foram considerados como forças e fraquezas:

Como ponto forte do movimento foram considerados a boa relação entre os integrantes da ecovila e da própria comunidade como um todo, com o meio ambiente. É muito valorizada a oportunidade que uma ecovila trás de permitir que o ser humano se conecte novamente com a natureza e transmita esses ensinamentos para quem a integra ou apenas a visite. Entre os integrantes também existe o ponto forte de melhorar a convivência e aumentar a humanidade. O conceito de ecovila prioriza o bom relacionamento entre os seres, e que haja compaixão, respeito e ajuda uns com outros.

Como as comunidades consomem os alimentos plantados por eles mesmos, eles podem ter o controle da qualidade dos mesmos, que adubo está sendo utilizado, se não contem de fato agrotóxicos, e terão alimentos mais ricos e nutritivos para consumirem, o que é vantajoso para a saúde também. E com o que sobrar de lixo orgânico podem

fazer composteiras e produzir mais adubo além de contribuir para a menor geração de lixo.

O fato de ser rural pode ser considerado tanto uma força quanto uma fraqueza. Força, porque longe das cidades, da poluição sonora, do consumismo e da pressa constante, a pessoa tem um ambiente tranquilo, calmo, silencioso, onde pode se concentrar em suas atividades sem pressa, não é bombardeado por propagandas e produtos o tempo inteiro, então encontra um espaço mais pacífico de se viver. Por outro lado, essa distância também pode ser fraqueza, pois dificulta a conseguir prestação de serviços quando necessário, como atendimento médico, a distância de lojas e mercados e o deslocamento para os locais de trabalho (com aumento no consumo de combustível), sinal de telefonia para conseguir fazer alguma ligação importante ou pedir ajuda, uma longa estrada de terra dificulta o acesso de caminhões com materiais de construção e até de visitantes que podem desistir de conhecer a comunidade por falta de um automóvel apropriado ou um automóvel qualquer e por ser distante para ir caminhando.

O senso coletivo também é uma questão que pode ser considerado como força e também fraqueza. É uma força, pois desenvolve a questão humanitária e o bom relacionamento entre as pessoas, mas ao mesmo tempo é muito difícil ter um senso coletivo que não gere conflitos. Até certo ponto, todo grupo de pessoas que convivem enfrentam conflitos, o problema é que muitos conflitos dificultam o convívio, pode gerar intrigas, inimizades e magoas que podem interferir fortemente no trabalho da comunidade. É bastante complicado conciliar o interesse de grupo de quarenta, cem pessoas, e ter gente disposta a deixar para trás o seu interesse em prol do interesse do outro. Além disso, o cuidado geral com o terreno, a realização das atividades, a limpeza, o compromisso, a adimplência em cumprir com o que foi combinado, tudo isso são questões que devem ser lidadas e que, por termos nossas diferenças de valores, crenças e culturas, cada pessoa pode ter opiniões que divergem das demais. O problema não é aceitar as diferenças do grupo, as ecovilas tem a intenção de ter uma diversidade cultural, a questão é conciliar os objetivos de todos sem que ninguém se sinta prejudicado.

A falta de compromisso dos integrantes também pode ser uma fraqueza que gere inclusive o fim da comunidade.

A privacidade é uma fraqueza, pois por ser uma comunidade coletiva e muitas vezes aberta para visitas do público externo, os moradores tem sempre alguém novo e muitas vezes desconhecido o que pode ser até um risco para os bens deles, e é

necessário ficar sempre atento. Entretanto, o próprio conceito de privacidade como sendo boa ou ruim é relativo, pois pode proporcionar desapego e superação de barreiras.

Pela alimentação ser proveniente da horta local, uma mudança no clima ou algum incidente com pragas por gerar grande prejuízo e afetar a alimentação de toda a comunidade. Períodos de seca também podem ocasionar em baixa na quantidade de água dos poços ou nascentes e dificultar o sistema de irrigação e até do próprio consumo pessoal. Os sistemas de produção convencional também são vulneráveis à condição climática, mas no meio urbano, onde existem diversos distribuidores, a população corre um risco menor de ser afetada do que a comunidade de ecovila que depende principalmente da produção própria. Essa grande dependência das condições climáticas pode ser considerada uma fraqueza.

Apesar de não ter sido um exemplo encontrado nas ecovilas estudadas, a tentativa de sair do sistema capitalista excluindo o uso das tecnologias dentro da comunidade também pode ser considerada fraqueza. Como constatado a partir das leituras feitas para o trabalho e das entrevistas realizadas, é considerado fraqueza porque algumas tecnologias são de grande ajuda para o homem e podem contribuir para o bem estar e facilitar a vida na comunidade. Tentar se isolar das tecnologias é se isolar do mundo e não é algo interessante. O uso moderado das tecnologias dentro de um limite consciente e fora do padrão de consumo exacerbado pode ser muito benéfico. O lado financeiro também pode ser uma fraqueza, pois, mesmo com o compartilhamento de alguns custos que normalmente são individuais como infra-estrutura e manutenção, existe o receio de como se ira viver, trabalhar, receber um salário para poder consumir o básico que seja, ou cuidar da família.

As oportunidades e ameaças já são fatores externos à comunidades, que acontecem sem que as mesmas possam controlá-las. Foram identificados como oportunidades e ameaças à ecovilas:

Como oportunidade, o movimento ambiental que ganhou muita força nos últimos vinte anos, várias pessoas e países aderem cada vez mais ao movimento que vem ganhando publicidade. O próprio movimento das ecovilas também tem uma grande publicidade, já foi reconhecido pela ONU como uma das cem melhores práticas para o desenvolvimento sustentável (*What is an Ecovillage?*, 2016), tem a Rede Global de Ecovilas que funciona dando o apoio às comunidades, compartilhando experiências e unindo os participantes do movimento; eventos e festivais que acontecem dentro das comunidades; os serviços que podem ser propostos pelas mesmas, como de ecoturismo,

que também vem ganhando muita força, e de hotelaria; e o aumento de estudos acadêmicos e interesse da academia em conhecer mais esse movimento. As ecovilas que participaram do estudo comentaram que estavam sendo procurada por diversos pesquisadores e universidades para participarem de projetos semelhantes a esse.

Já como ameaças, foram identificados o alto custo dos materiais para produzir energia renovável como a solar, matérias de baixo impacto como telhas e tijolos sustentáveis. Mesmo com o barateamento desses recursos quando comparado ao valor de anos atrás um arquiteto que faça um projeto sustentável também tem um custo maior do que o arquiteto que faz projetos comuns, somando tudo os preços são muito altos e muitas vezes os moradores das ecovilas não tem condição de financiar isto. Esse quadro tende a melhorar com a queda dos preços dos materiais de baixo impacto ou de produção de energia sustentável, mas não existe uma previsão para essas mudanças.

O preconceito que existe da comunidade externa, os julgamentos que é uma comunidade suja, que ninguém toma banho, usuários de drogas, “doidões”, preconceito que as estruturas sejam firmes o bastante, que os banheiros secos não seja sujos, que a educação holística é “balela”, que são ecochatos, que são extremistas, que são hippies, etc etc, ecovilas podem enfrentar problemas sérios com o preconceito, inclusive com os vizinhos que podem julgar mal e criar mais conflitos e brigas, o que entra em outra ameaça, a vizinhança. Não ter uma boa relação com os vizinhos pode ser um problema terrível. Por serem comumente instaladas em áreas rurais, as ecovilas podem ser vizinhas de plantadores de monocultura, que utilizam agrotóxicos, que podem contaminar o solo e a água da comunidade, além da intriga dos valores pessoais dos proprietários.

Oferecer serviço de hotelaria pode ser uma ameaça porque pode ser mal interpretado pelos visitantes, dando a impressão de que se trata apenas de um serviço, esquecendo a ideia por detrás de se hospedar em uma comunidade que oferece mais do que a instalação, a vivência de se estar próximo à natureza, realizar atividades, interagir com pessoas diferentes, com valores e culturas diferentes que podem agregar ao seu eu interior. É muito fácil perder o valor socioambiental e se confundir com um hotel rodeado por natureza apenas.

Por estar ganhando cada vez mais publicidade, a mídia pode também confundir o funcionamento real de uma ecovila. Dentro da comunidade, todos devem trabalhar e contribuir para o crescimento e manutenção da mesma. Quando a mídia mostra apenas os lados bons de se viver em uma ecovila, é passada uma impressão completamente

errônea aos leitores e telespectadores, que imaginam uma coisa totalmente diferente da realidade. As notícias e artigos de ecovilas normalmente não falam das dificuldades que os moradores passam quando a plantação não gera alimento suficiente, das horas de trabalho no campo, das construções feitas à mão, da dificuldade em se viver em comunidade, das brigas que ocorrem durante as tomadas de decisões. É apenas a tranquilidade, paz e calma em se viver junto à natureza, com pessoas que são maravilhosas nos vídeos.

A outra ameaça, que é alvo deste trabalho, é a dificuldade em se conceituar uma ecovila. Como existem diversas definições, sempre haverá uma comunidade que se encaixa em uma definição e não da outra, e mesmo sendo coisas diferentes, serão tratadas como semelhantes. Isso influencia bastante nos estudos acadêmicos e em análises. Por ser um movimento relativamente novo também, ainda existe um longo caminho para as ecovilas percorrermos. Muitas comunidades iniciaram antes do nome ecovila existir e hoje são chamadas como tal sem se saber ao certo o que uma ecovila é, e muitas outras comunidades também estão apenas iniciando e no meio do processo para se tornar ecovila. Considerar essa dimensão temporal é algo muito delicado também para os estudos e gera algumas desconformidades.

E tem ainda a falta de apoio do Estado e Governo, que muitas vezes dificulta as instalações de uma ecovila com burocracia, uma legislação onde comunidades como ecovilas não são enquadradas e falta de apoio institucional à uma comunidade que tem tantos benefícios econômicos, sociais e ecológicos. Algumas funcionam inclusive como centro de pesquisa, como uma das ecovilas estudadas que trabalhava na produção de uma máquina de fazer adobe, mas que não conseguiu financiamento algum do governo para contribuir com a pesquisa, mesmo sendo um facilitador para a bioconstrução.

Essa análise FOFA foi uma representação do que foi visto nas comunidades estudadas e montada de forma intuitiva com o objetivo de retratar a realidade e oferecer um ponto de vista que possa provocar mudanças e melhorias em alguns pontos indicados.

Conclusão

Ecovilas são uma alternativa para a união harmônica do ser humano e da natureza, onde ambos podem conviver, e mais do que isso, contribuir para o bem-estar

um do outro. Mas ecovilas não são a única possibilidade para uma vida em equilíbrio com o ambiente.

Comunidades alternativas com viés ambientalista ou de menor produção de impactos negativos existem em toda parte do mundo e em diferentes escalas. Dentro da cidade urbana, uma casa que faz a separação adequada do lixo, tem uma pequena horta e procura gerar menos resíduos e ter um baixo padrão de consumo, já se qualifica como uma habitação que contribui para o meio ambiente. Mais importante que o local, é a conscientização das pessoas que o habitam. Diversas pessoas moram no meio rural e possuem hábitos degradantes ao meio ambiente como a queima do lixo e o uso de agrotóxicos em suas plantações.

O título de ecovilas implica na realização de ações específicas que derivam do conceito e dos pilares da sustentabilidade e não apenas no fato de ser uma comunidade distante da cidade, com princípios ecológicos e cuidado com o meio ambiente. Os três pilares da sustentabilidade são: social, econômico e ecológico, e todos precisam ter peso e serem contemplados em uma comunidade que busca o desenvolvimento sustentável.

É compreensível que haja um desentendimento quanto aos princípios do desenvolvimento sustentável, descrito em 1987 no Relatório Brundtland no documento “Nosso Futuro Comum” como o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem suas próprias necessidades¹⁰ (BRUNDTLAND, 1987, p. 24). Trata-se de um conceito vago, capaz de gerar dúvidas e mais de um entendimento, afinal, quais serão as necessidades futuras e como devemos agir para não comprometer ao seu atendimento?

O método da autoauditoria busca sanar essa questão de “o que uma ecovila precisa ter para alcançar o desenvolvimento sustentável”, mostrar o que a Rede Global espera de uma ecovila e quais ações ela deve fazer para alcançar esse conceito. Não serão todas as comunidades que concordarão com o que é descrito pela GEN.

Neste sentido, surge uma diferenciação entre comunidades que se importam com o meio ambiente e buscam conservá-lo gerando menos impacto, e as ecovilas. A diferença é sutil e pode passar despercebida, mas é importante chamar a atenção para como um conceito muitas vezes não é praticado, e como uma comunidade pode se intitular ou se classificar como algo sem o ser.

¹⁰ Tradução livre para: “[...] to ensure that it meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs. [...]” (BRUNDTLAND, 1987, p. 24)

Nenhuma das três comunidades estudadas no trabalho se qualificou como uma ecovila de fato, segundo o conceito da Rede Global de Ecovilas, apesar das três se intitularem ecovilas e entenderem que as são.

A publicidade em torno do assunto “meio ambiente” é um fator positivo e que contribui para a conscientização da população informando dos impactos que geramos com nossas ações diárias. Essa disseminação é a que instiga novos grupos a surgirem a cada momento com ideais ambientais e vontade de construir uma moradia em equilíbrio com o ambiente. A questão, é que muitas vezes esses fatores ambientais são vistos apenas como a parte ecológica, como a relação direta entre homem e natureza, e esquece-se que estar em equilíbrio com o ambiente significa também estar em harmonia com os seres humanos, os animais e com si mesmo. O meio ambiente não é apenas a natureza física, é tudo que nos rodeia e nos compõe. Uma comunidade que tenha uma plantação, uma composteira e construções de baixo impacto, não é uma comunidade em harmonia com o meio se seus integrantes estiverem em conflito diário, sem respeito mútuo e sem uma economia que também seja de baixo impacto.

Toda e qualquer atitude que contribua para o meio ambiente é válida. O importante é que se faça a diferenciação e que os objetivos não se confundam com a práticas. Quando o conceito diverge da realidade, os estudos acadêmicos e dados gerados se confundem e dificultam o entendimento correto acerca de todo um movimento internacional. Os resultados do trabalho se limitam a três comunidades situadas no Estado de Goiás, quantas outras comunidades intituladas ecovilas existem no Brasil e no mundo, e quantas delas podem de fato ser consideradas ecovilas, frente às dimensões e critérios estipulados pela *GEN*? Essa discordância põe em dúvida todos os estudos realizados com ecovilas, os dados da Rede Global de Ecovilas e nos deixa perdidos quanto às informações deste movimento.

Concluindo, espera-se que o trabalho seja um motivador a todas as comunidades para atingirem seus objetivos e crescer, alcançando a qualificação de ecovila e o desenvolvimento sustentável.

Dawson (2009) se referiu às ecovilas como:

“Este é o melhor do movimento das ecovilas: explorando as margens ricas entre Norte e Sul, meio ambiente e desenvolvimento, educação e ativismo,

espírito, cultura e ecologia natural. O movimento ainda é jovem e precisa de pioneiros.”¹¹ (DAWSON, 2009, p.4)

Apesar dos anos que se passaram e do crescimento do movimento nesse período, ainda cabe a afirmação de Dawson de que as ecovilas ainda têm um grande caminho pela frente, um potencial incrível e um futuro promissor se continuarmos trabalhando para isso.

Referências Bibliográficas

- ANDREEVSKA, Gabriela; SECRETARIAT, GEN Europe. Ecovillages: Why They Rise Above Just Being “Eco”, 2015. Disponível em: http://gen-deutschland.de/uploads/media/Ecovillages-Why_They_Rise_Above_Just_Being_Eco_.pdf. Acessado em: 06/04/2016
- BRUNDTLAND, Comissão. Nosso Futuro Comum, Relatório sobre Desenvolvimento Sustentável. 1987. Disponível em: <https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>. Acessado em: 01/07/2016
- CAMPANI, Michele Mucio. ORGANIZAÇÕES SUSTENTÁVEIS: UMA REFLEXÃO SOBRE SUSTENTABILIDADE E ECOVILAS. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2479>. Acessado em 10/12/2015.

¹¹ Tradução livre para: “*This is the ecovillage movement at its best: exploring the fertile edges between North and South, environment and development, education and activism, spirit, culture and natural ecology. The movement is still young and in need of pioneers*”. (DAWSON, 2009, p.4)

Community Sustainability Assessment. **Rede Global de Ecovilas**. Disponível em: <http://sites.ecovillage.org/en/node/5039>. Acessado em: 04/04/2016

CURI, Dib. Ecovilas: um caminho seguro rumo a sustentabilidade. **Fórum Século XXI**, 2010. Disponível em: <http://forumseculo21.com.br/noticias3531,ecovilas-um-caminho-seguro-rumo-a-sustentabilidade.html>. Acessado em: 04/04/2016

CHRISTIAN, Diana Leafe. Creating a life together: Practical tools to grow ecovillages and intentional communities. **New Society Publishers**, 2003.

DAWSON, Jonathan. The Ecovillage Dream Takes Shape. 2009. Disponível em: http://www.gaia.org/mediafiles/gaia/resources/JDawson_EcovillageDream.pdf. Acessado em: 12/04/2016

DE AZEVEDO, Marilena Coelho; COSTA, Helder Gomes. **Métodos para avaliação da postura estratégica**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 08, nº 2, abril/junho, 2001. P. 2

DEGENHARDT, Paulo H. Dimensões Constituintes do Conceito de Ecovila. **M. A. Envir. & Education**. 2012. Disponível em: http://blogosfero.cc/articles/0022/2716/Dimensoes_do_Conceito_de_Ecovila.pdf. Acessado em 10/12/2015

DIAS, Cláudia. Avaliação da Implantação de uma Ecovila no Altiplano Leste/DF: Uma abordagem holística na incorporação de novos paradigmas socioambientais na região. **Monografia apresentada em Pós-Graduação em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística**. Brasília, 2011.

Dimensions of Sustainability. **Rede Global de Ecovilas**. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/en/article/dimensions-sustainability-0>. Acessado em: 04/04/2016

GESOTA, BHAWNA. **Ecovillages as Models for Sustainable Development: A Case Study Approach**. 2008. Tese de Doutorado. University of KwaZulu-Natal, Durban South Africa. Disponível em: <https://www.gsp.uni-freiburg.de/research/gesota-2008-ecovillages.pdf>. Acessado em: 28/04/2016

GUERRIERO, Silas. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna. **Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)**. ISSN 1981-156X, n. 12, 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7359/5355>. Acessado em: 23/07/2016

JACKSON, Hildur. What is an ecovillage. In: **Gaia Trust Education Seminar. Thy, Denmark**, set. 1998. Disponível em: http://www.gaia.org/mediafiles/gaia/resources/hjackson_whatisev.pdf. Acessado em: 04/03/2016

JACKSON, Hildur; JACKSON, Ross. Global eco-village network history, 1990-2004. **Copenhagen. GEN**, 2004. Disponível em: http://www.gaia.org/mediafiles/gaia/resources/HJackson_GEN-History.pdf. Acessado em: 04/04/2016

JACKSON, Ross. The ecovillage movement. **Permaculture magazine**, v. 40, p. 25-30, 2004. Disponível em: http://library.uniteddiversity.coop/Ecovillages_and_Low_Impact_Development/JTRJ_EV-Movement2004.pdf. Acessado em: 03/03/2016

KASPER, Debbie Van Schyndel. Redefining community in the ecovillage. **Human Ecology Review**, v. 15, n. 1, p. 12-24, 2008. Disponível em: <https://humanecologyreview.org/pastissues/her151/kasper.pdf>. Acessado em: 11/04/2016

What is an Ecovillage? **Rede Global de Ecovilas**. Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/en/article/what-ecovillage>. Acessado em: 15/06/2016